



Bruno Alonso\*

# Os cirenaicos e Epicuro: o hedonismo na Filosofia Helenística

## RESUMO

O cirenaísmo é uma filosofia multifacetada e a transmissão das suas ideias se sucedeu em meio a impossibilidade de conciliar as contradições inerentes aos projetos de Aristipo, Hegésias, Anicéris e Teodoro. O desafio de harmonizar o hedonismo no seio de uma doutrina ética perdurou até Epicuro introduzir uma nova visão filosófica. A moção de maximizar as experiências efêmeras de prazer, cultuada pelos cirenaicos, é revista pela ética epicurista, que professa uma maneira de viver destinada aos deleites frugais e ao alívio das dores.

**Palavras-chave:** Epicuro. Cirenaísmo. Ética. Hedonismo.

## The cyrenaics and Epicurus: the hedonism in Hellenistic Philosophy

## ABSTRACT

Cyrenaicism is a multifaceted philosophy and the transmission of its ideas took place amid the impossibility of reconciling the contradictions among Aristippus', Hegesias', Anniceris' and Theodorus' projects. The challenge of harmonizing hedonism within an ethical doctrine continued until Epicurus introduced a new philosophical vision. The motion to maximize ephemeral experiences of pleasure, worshipped by Cyrenaics, is reviewed by epicurean ethics, which professes a new way of living destined to frugal pleasures and relief of pain.

**Keywords:** Epicurus. Cyrenaicism. Ethics. Hedonism.

## A frugalidade do hedonismo de Epicuro

Epicuro (341-271 a.C.) seguiu um estilo de vida distanciado do ambiente conturbado de Atenas, longe do centro urbano e político da cidade. Viveu com seus discípulos em uma propriedade rural isolada que ficou conhecida como o Jardim de Epicuro. A escolha de não participar da vida política na cidade e de cultivar a liberdade propiciou uma experiência filosófica centrada na individualidade. Epicuro não pensa nas relações sociais como algo determinado por interesses políticos, mas como uma expressão espontânea de laços fraternos. No Jardim não havia a instituição de um poder coercitivo e pouco importavam a riqueza e a fama. Assim viviam Epicuro e seus discípulos, colhendo os frutos da própria terra, apreciando os prazeres frugais e praticando os ensinamentos filosóficos da seita.<sup>1</sup>

ὅταν οὖν λέγωμεν ἡδονὴν τέλος ὑπάρχειν, οὐ τὰς τῶν ἀσώτων ἡδονὰς καὶ τὰς ἐν ἀπολαύσει κειμένας λέγομεν, ὡς τινες ἀγνοοῦντες καὶ οὐχ ὁμολογοῦντες ἢ κακῶς ἐκδεχόμενοι νομίζουσιν, ἀλλὰ τὸ μήτε ἀλγεῖν κατὰ σῶμα μήτε ταραττεσθαι κατὰ ψυχὴν.

Então, quando dizemos que o prazer é a realização suprema da felicidade, não pretendemos relacioná-lo com a voluptuosidade dos dissolutos e com os gozos sensuais, como querem algumas pessoas por ignorância, preconceito ou má compreensão; por prazer entendemos a ausência de sofrimento no corpo e a ausência de perturbação na alma (DIÓGENES LAÉRCIO, X, 131).

<sup>1</sup> Diógenes Laércio relata alguns detalhes de como viviam os epicuristas no seio do Jardim: ὑπερβολὴ γὰρ ἐπιεικείας οὐδὲ πολιτείας ἦψατο. καὶ χαλεπωτάτων δὲ καιρῶν κατασχόντων τηρικᾶδε τὴν Ἑλλάδα, αὐτόθι καταβιώναι, δις ἢ τρις εἰς τοὺς περὶ τὴν Ἴωνίαν τόπους πρὸς τοὺς φίλους διαδραμόντα. οἱ καὶ πανταχόθεν πρὸς αὐτὸν ἀφικνοῦντο καὶ συνεβίουν αὐτῷ ἐν τῷ κήπῳ καθά φησι καὶ Ἀπολλόδωρος (ὃν καὶ ὀγδοήκοντα μνῶν πρίασθαι Διοκλῆς {δὲ} ἐν τῇ τρίτῃ τῆς ἐπιδρομῆς φησιν) εὐτελέστατα καὶ λιτότατα διαιτώμενοι: 'κοτύλη γοῦν,' φησίν, 'οἴνιδιου ἤρκοῦντο, τὸ δὲ πᾶν ὕδωρ ἦν αὐτοῖς ποτόν.' τὸν τε Ἐπίκουρον μὴ ἀξιοῦν εἰς τὸ κοινὸν κατατίθεσθαι τὰς οὐσίας, καθάπερ τὸν Πυθαγόραν κοινὰ τὰ φίλων λέγοντα: ἀπιστούντων γὰρ εἶναι τὸ τοιοῦτον· εἰ δ' ἀπίστων οὐδὲ φίλων. αὐτὸς τέ φησιν ἐν ταῖς ἐπιστολαῖς, ὕδατι μόνον ἀρκεῖσθαι καὶ ἄρτῳ λιτῷ. καί, 'πέμψον μοι τυροῦ,' φησί, 'κυθρίδιον, ἴν' ὅταν βούλωμαι πολυτε- λεύσασθαι δύνωμαι, "Por excesso de moderação, Epicuros não participou da vida política. Apesar das terríveis calamidades que se abatiam sobre a Hélade em sua época, ele passou toda a sua vida lá, à exceção de duas ou três viagens a certas regiões da Iônia com o objetivo de visitar amigos. Os amigos vinham de todas as partes para vê-lo, e viviam juntamente com ele no Jardim, [...] numa convivência muito simples e modesta; 'contentavam-se', diz Dioclés, 'com um copo de vinho ordinário, mas geralmente bebiam apenas água'. O mesmo autor acrescenta que Epicuros não admitia a comunhão dos bens e não aceitava, portanto, a máxima de Pitágoras. 'Os bens dos amigos são comuns', pois a comunhão traria desconfiança, e sem confiança não pode haver amizade. O próprio Epicuros diz em suas cartas que se contentava apenas com água e um simples pão. E diz: 'Manda-me um pequeno pote de queijo, para que eu possa banquetear-me quando tiver vontade'" (DIÓGENES LAÉRCIO, X, 10-11).

Na *Carta a Meneceu*, Epicuro parece confrontar algumas repreensões vulgares atribuídas à sua filosofia. Seria ela um hedonismo prosaico que proclama uma caçada sedenta ao prazer? Compreender a ética epicurista nesses termos significa fechar os olhos para o seu conteúdo vital. Epicuro se defende das más interpretações que deturpam o verdadeiro teor da doutrina alegando que o estilo de vida epicurista nada tem a ver com um hedonismo dissoluto.

Para Epicuro há uma fronteira precisa que separa o prazer e a dor, duas experiências absolutas, mutuamente excludentes, que jamais se confundem entre si. Prazer e dor são extremos opostos, o bem e o mal por natureza. Como consequência, é inerente à natureza humana orientar-se pela busca do prazer e pela fuga da dor. Muito embora os impulsos que incitam o desejo de satisfação do prazer ou de alívio da dor provoquem efeitos que ultrapassam os estímulos momentâneos, cada experiência tomada em si mesma não possui valor autônomo, mas se insere em uma análise extensa sobre a vida. Nesse sentido podemos afirmar que Epicuro, de certa maneira, relativiza os valores atribuídos ao prazer e à dor, quando englobados no contexto amplo da vida.

Epicuro compreende duas formas distintas de prazer: um estático e outro em movimento. O prazer estático equivale a um estado de plenitude na alma, diferente do prazer movente que dispõe a alma a um deleite frágil e oscilante, propício a despertar perturbações e de diversas maneiras ser nocivo à saúde psíquica do filósofo. O melhor dos prazeres decorre da supressão do movimento na alma, um prazer inerte que consiste na suspensão dos sofrimentos e na eliminação dos anseios relativos aos desejos. O prazer estático (κατάστημα) é o estado da alma que conduz à tranquilidade (ἀταραξία), o princípio vigorante pelo qual o filósofo epicurista frui a felicidade (εὐδαιμονία).

### **O prazer em Aristipo e Epicuro**

A ética cirenaica preconiza o anseio pelos prazeres e o alijamento das dores. Aristipo (435-350 a.C.), o precursor da doutrina, pensa em uma forma única de prazer e não reconhece a distinção epicurista entre dois tipos de prazer.

Οἱ μὲν οὖν ἐπὶ τῆς ἀγωγῆς τῆς Ἀριστίππου μείναντες καὶ Κυρηναῖκοι προσαγορευθέντες δόξαις ἐχρῶντο τοιαύταις: δύο πάθη ὑφίσταντο, πόνον καὶ ἡδονήν, τὴν μὲν λείαν κίνησιν, τὴν ἡδονήν, τὸν δὲ πόνον τραχεῖαν κίνησιν. μὴ διαφέρειν τε ἡδονὴν ἡδονῆς, μηδὲ ἡδὶόν τι εἶναι: καὶ τὴν μὲν εὐδοκητὴν πᾶσι ζώοις, τὸν δ' ἀποκρουστικόν. ἡδονὴν μέντοι τὴν τοῦ σώματος, ἣν καὶ τέλος εἶναι, καθά φησι καὶ Παναίπιος ἐν τῷ Περὶ τῶν αἰρέσεων, οὐ τὴν καταστηματικὴν ἡδονὴν τὴν ἐπ' ἀναιρέσει ἀλγηδόνων καὶ οἷον ἀνοχλησίαν, ἣν ὁ Ἐπίκουρος ἀποδέχεται καὶ τέλος εἶναι φησι. δοκεῖ δ' αὐτοῖς καὶ τέλος εὐδαιμονίας διαφέρειν. τέλος μὲν γὰρ εἶναι τὴν κατὰ μέρος ἡδονήν, εὐδαιμονίαν δὲ τὸ ἐκ τῶν μερικῶν ἡδονῶν σύστημα, αἷς συναριθμοῦνται καὶ αἱ παρωχηκυῖαι καὶ αἱ μέλλουσαι.

Estes, então, que permaneceram fiéis aos ensinamentos de Aristipos e ficaram conhecidos como cirenaicos, sustentavam as seguintes opiniões: admitiam dois estados de alma – o prazer e a dor –, sendo o prazer um movimento suave, e a dor um movimento brusco. Um prazer não difere de outro prazer, nem um prazer é mais agradável que outro; todos os seres animados aspiram ao prazer e repelem a dor. Entretanto, o prazer é o físico, que é também o fim supremo, [...] e não o prazer estático, resultante da eliminação das dores, nem a ausência de perturbação aceita por Epicuros como o bem supremo. Os cirenaicos sustentam que há uma diferença entre bem supremo e felicidade. O bem supremo é na realidade o prazer isolado, enquanto a felicidade é a soma de todos os bens isolados, na qual se incluem também os prazeres passados e futuros (DIÓGENES LAÉRCIO, II, 86-87).

A doutrina de Aristipo se fundamenta em três preceitos éticos. Primeiramente é preciso reconhecer que a alma é movida por dois princípios antagônicos, o prazer, um movimento sutil, e a dor, um movimento lancinante na alma. Em segundo lugar, compreender que a sensação do prazer é sempre a mesma, ou seja, a experiência do prazer é idêntica em quaisquer circunstâncias. E, por último, admitir que é peculiar à natureza dos homens procurar o prazer e evitar a dor.

Diferente dos cirenaicos, Epicuro não somente distingue duas espécies de prazer, mas acredita que os prazeres oscilam conforme as variações das percepções sensíveis e que a perseguição do prazer esconde armadilhas que incitam os piores tormentos.

Εἰ κατεπυκνοῦτο πᾶσα ἡδονή, καὶ χρόνῳ καὶ περὶ ὅλον τὸ ἄθροισμα ὑπῆρχεν ἢ τὰ κυριώτατα μέρη τῆς φύσεως, οὐκ ἄν ποτε διέφερον ἀλλήλων αἱ ἡδοναί, “Se todo prazer pudesse ter se acumulado, não só persistindo no tempo, mas também percorrendo a inteira composição do nosso corpo, ou pelo menos as principais partes de nossa natureza, então os prazeres não difeririam entre si” (*Máximas Principais*, IX). Os prazeres nascem das sensações e essas, por sua vez, variam infinitamente entre si. Na nona máxima de Epicuro há a nítida preocupação em rejeitar a proposição cirenaica que considera o prazer como uma experiência única. Os sentidos interagem

com o mundo físico na mesma proporção que as experiências sensíveis estão em relação frontal com as infinitas possibilidades de interações entre os átomos.<sup>2</sup> Os prazeres não são mensurados por um único paradigma, porque as sensações jamais são as mesmas, já que não duram o mesmo tempo e afetam o corpo com intensidades variáveis.

A virtude enquanto saber prático (φρόνησις) é cultivada mediante o exercício (ἄσκησις) de descontração (ἄνεσις). O objetivo é enfrentar a condição de desequilíbrio entre as experiências de prazer para livrar-se de opiniões levianas e, então, evitar o sofrimento causado pelo dispendioso esforço de obtê-lo a qualquer custo.<sup>3</sup>

οὐ γὰρ πότοι καὶ κῶμοι συνείροντες οὐδ' ἀπολαύσεις παίδων καὶ γυναικῶν οὐδ' ἰχθύων καὶ τῶν ἄλλων, ὅσα φέρει πολυτελῆς τράπεζα, τὸν ἠδὺν γεννᾶ βίον, ἀλλὰ νήφων λογισμὸς καὶ τὰς αἰτίας ἐξερευνῶν πάσης αἰρέσεως καὶ φυγῆς καὶ τὰς δόξας ἐξελαύνων ἐξ ὧν πλεῖστος τὰς ψυχὰς καταλαμβάνει θόρυβος.

Não é uma sucessão ininterrupta de banquetes e festas, nem o prazer sexual com meninos e mulheres, nem a degustação de peixes e outras iguarias oferecidas por uma mesa suntuosa que proporciona a vida agradável, e sim um cálculo sóbrio que investigue as causas de toda escolha e toda rejeição e elimine as opiniões vãs por obra das quais um intenso tumulto se apossa das almas (DIÓGENES LAÉRCIO, X, 132).

<sup>2</sup> Epicuro é herdeiro de Demócrito e absorve a teoria física atomística que descreve o universo como um todo composto por dois elementos fundamentais: os átomos e o vazio. Segundo a canônica de Epicuro, o pensamento (διάνοια) provém das impressões do mundo exterior (πρόληψις). Impressões derivadas do contato com os átomos que perpassam o filtro das sensações (αἴσθησις). Átomos que, em última análise, são a chave para o conhecimento da natureza.

<sup>3</sup> Hadot confronta as formas de exercício espiritual do epicurismo e do estoicismo. Os estoicos praticam a tensão no espírito (τόνος), práticas de pensamento que visam trazer à memória os inevitáveis infortúnios da vida, para antecipar-se ao sofrimento. Além da memorização (μνήμη) e da meditação (μελέτη) sobre os preceitos da escola (que estão igualmente presentes no estoicismo), os epicuristas promovem uma prática específica, a descontração no espírito (ἄνεσις), que equivale a uma postura aprazível em relação à vida, de esquivar o pensamento dos virtuais sofrimentos e volver a atenção aos prazeres: “Para curar a alma, é preciso, não como querem os estoicos, exercitá-la para manter-se tensa, mas, ao contrário, exercitá-la para se descontraír. Em vez de conceber os males de antemão para se preparar para sofrê-los, é preciso, ao contrário, descolar nossos pensamentos da visão das coisas dolorosas e fixar nossos olhares sobre os prazeres. É preciso fazer reviver a lembrança dos prazeres do passado e desfrutar os prazeres do presente, reconhecendo o quanto os prazeres do presente são grandes e agradáveis. Há aqui um exercício espiritual bem específico: não mais a vigilância contínua do estoico, esforçando-se para estar sempre pronto para salvaguardar a cada instante sua liberdade moral, mas a escolha deliberada, sempre renovada, da descontração e da serenidade, e uma gratidão profunda com relação à natureza e a vida porque, se sabemos encontrá-las, oferecem-nos sem cessar o prazer e a alegria. Do mesmo modo, o exercício espiritual que consiste em se esforçar para viver no momento presente é muito diferente nos estoicos e nos epicuristas. Nos primeiros, ele é tensão do espírito, despertar constante da consciência moral; nos segundos, é mais uma vez convite à descontração e à serenidade” (HADOT, 2014, p. 34).

O cálculo hedonístico é um componente essencial para a ética epicurista. Toda escolha ou renúncia deve ser embasada em uma avaliação rigorosa sobre as implicações que os prazeres terão sobre a vida. A *Carta a Meneceu* concentra os principais ensinamentos éticos de Epicuro. O τετραφάρμακον, os quatro remédios para a alma, aliás, são apresentados na íntegra.<sup>4</sup>

Τῶν ἐπιθυμιῶν αἱ μὲν εἰσι φυσικαὶ <καὶ ἀναγκαῖαι: αἱ δὲ φυσικαὶ> καὶ οὐκ ἀναγκαῖαι: αἱ δὲ οὔτε φυσικαὶ οὔτ' ἀναγκαῖαι ἀλλὰ παρὰ κενὴν δόξαν γινόμεναι. [φυσικὰς καὶ ἀναγκαῖας ἡγεῖται ὁ Ἐπίκουρος τὰς ἀλγηδόνος ἀπολυούσας, ὡς ποτὸν ἐπὶ δίψου: φυσικὰς δὲ οὐκ ἀναγκαῖας δὲ τὰς ποικιλοῦσας μόνον τὴν ἡδονήν, μὴ ὑπεξαιρουμένας δὲ τὸ ἄλγημα, ὡς πολυτελεῆ σίτια: οὔτε δὲ φυσικὰς οὔτ' ἀναγκαῖας, ὡς στεφάνους καὶ ἀνδριάντων ἀναθέσεις.]

Entre os desejos, há os que são naturais [e necessários, outros que são naturais] mas não necessários, outros que não são nem naturais nem necessários, mas originam-se de uma vã opinião. [Epicuro considera naturais e necessários os desejos que suprimem o padecimento, por exemplo, de beber quando temos sede, ao passo que por naturais e não necessários ele entende aqueles que apenas diversificam o prazer sem remover o padecimento, por exemplo de viandas caras, e por nem naturais, nem necessários (entende o desejo de) coroas ou estátuas em homenagem a si próprio] (*Máximas Principais*, XXIX).

O cálculo dos prazeres se ampara na distinção entre os três tipos de desejo, o que é evidenciado na vigésima nona máxima de Epicuro. Desejos naturais e necessários são cruciais para garantir a subsistência, tais como saciar a sede e a

<sup>4</sup> Próximo ao fim da *Carta a Meneceu*, Epicuro sintetiza o τετραφάρμακον em uma fórmula única e precisa: ἐπεὶ τίνα νομίζεις εἶναι κρείττονα τοῦ καὶ περὶ θεῶν ὅσια δοξάζοντος καὶ περὶ θανάτου διὰ παντὸς ἀφόβως ἔχοντος καὶ τὸ τῆς φύσεως ἐπιλελογισμένου τέλος, καὶ τὸ μὲν τῶν ἀγαθῶν πέρασ ὡς ἔστιν εὐσυνπλήρωτόν τε καὶ εὐπόριστον διαλαμβάνοντος, τὸ δὲ τῶν κακῶν ὡς ἡ χρόνους ἢ πόνους ἔχει βραχεῖς, “Crê, então, Meneceu, que ninguém é superior a tal homem. Sua opinião em relação aos deuses é piedosa e ele se mostra sempre destemeroso diante da morte. Ele reflete intensamente sobre a finalidade da natureza e tem uma concepção clara de que o bem supremo pode ser facilmente atingido e facilmente conquistado, e que o mal supremo dura pouco e causa sofrimentos passageiros” (DIÓGENES LAÉRCIO, X, 133). O τετραφάρμακον é o conjunto dos quatro preceitos éticos que constituem o caminho para uma vivência tranquila e feliz. Embora possuam um conteúdo de caráter ético, são denominados com base em um termo médico (fármaco). O que demonstra que Epicuro atribui à filosofia um propósito terapêutico. O primeiro deles diz respeito à religião e à crença na influência dos deuses sobre a vida humana. Para Epicuro devemos nos libertar da ideia de que os deuses tomam parte da nossa vida, pois os deuses são seres perfeitos que não tomam parte da vida humana. Superar o temor relativo aos deuses é o primeiro passo. O segundo deles está relacionado ao medo da morte, um sentimento humano genuíno, gerador de paixões doentias. Reconhecer a verdadeira natureza da morte que nada é para os homens, não há um depois, mas apenas o fim de todas as coisas, inclusive do sofrimento, pois a morte é apenas a desintegração dos átomos. O terceiro deles tem o objetivo de eliminar o receio de sentir dor. Toda dor física é passível de ser suportada e o sofrimento é uma enfermidade da alma que pode ser superada pela supressão dos pensamentos frívolos e das crenças infundadas. O quarto e último deles é a noção de que o prazer é fácil de ser alcançado. As ilusões provocadas pelo desejo de realização dos falsos prazeres é uma fonte aguda de sofrimento, e a tranquilidade (ἀταραξία) subsiste apenas em uma vida devotada aos prazeres naturais e necessários.



fome. Naturais e desnecessários são desejos relativos a certos bens prescindíveis, tal como se deliciar com alguma iguaria. Artificiais e desnecessários são desejos que nascem da vaidade, pelo engano de que certos bens exteriores são relevantes para a vida, bem como a obsessão pela fama. Os desejos naturais e necessários são indispensáveis para a vida, possuem um lugar cativo no cálculo dos prazeres, na qualidade de bens inalienáveis. Aqueles que são naturais e desnecessários devem ser equalizados e usufruídos com prudência, uma vez que por não serem necessários, o próprio limite para a satisfação desses desejos é bastante incerto. Os mais perigosos são os artificiais e desnecessários, desejos vãos que buscam o prazer para além de si mesmo.<sup>5</sup>

O cirenaísmo não propõe que a felicidade sobrevenha aos deleites corporais isolados, mas à rede tecida pelo somatório dessas experiências. O que define a vida boa e bela é a realização do maior número de prazeres possíveis. Os cirenaicos não formulam um cânone tão bem elaborado quanto o cálculo dos prazeres epicurista. Porém, a ética cirenaica se embasa em uma ideia semelhante, que parece ter inspirado Epicuro tempos depois.

ἡ δὲ τοῦ ἀλγοῦντος ὑπεξαίρεσις, ὡς εἴρηται παρ’ Ἐπικούρω, δοκεῖ αὐτοῖς μὴ εἶναι ἡδονή: οὐδὲ ἡ ἀηδονία ἀληθῶν. ἐν κινήσει γὰρ εἶναι ἀμφοτέρω, μὴ οὔσης τῆς ἀπονίας ἢ τῆς ἀηδονίας κινήσεως, ἐπεὶ ἡ ἀπονία οἶονεὶ καθεύδοντός ἐστι κατάστασις. [...] ἀλλὰ μὴν οὐδὲ κατὰ μνήμην τῶν ἀγαθῶν ἢ προσδοκίαν ἡδονὴν φασὶν ἀποτελεῖσθαι: ὅπερ ἤρεσκεν Ἐπικούρω.

A remoção da dor, entretanto, defendida por Epicuros, parece-lhes que não é um prazer, nem tampouco a ausência de prazer é dor. Com efeito, prazer e dor são movimentos, ao passo que nem a ausência da dor nem a ausência do prazer são movimentos (a ausência da dor é como se fosse a condição da pessoa adormecida) [...] Negam, todavia, que o prazer possa decorrer da recordação ou da expectativa de bens (essa é a teoria de Epicuro) (DIÓGENES LAÉRCIO, II, 89).

<sup>5</sup> Markus Figueira comenta sobre a influência do pressuposto de Platão – com referência ao diálogo *Filebo* – de qualificar determinados prazeres como falsos, ideia adotada pela ética de Epicuro, que contribuiu decisivamente para o surgimento de uma nova vertente filosófica, distanciada do hedonismo de seu antecessor Aristipo: “Epicuro refuta essa tese cirenaica, impondo uma medida para o prazer, segundo a natureza, aceitando a tese de Platão e de Aristóteles de que existem prazeres falsos, que são escolhidos em virtude da opinião falsa que se tem acerca deles. Nota-se que a tematização do prazer no período que separa Aristipo de Epicuro foi fundamental para que este adotasse o procedimento de mensurar os prazeres, tendo em vista o efeito da ação, que pode ser a dor. Os pressupostos para a arte de medir, nesse caso, são a *phronesis* e o *logismós* (cálculo medidor), termos utilizados por Platão no diálogo *Philèbo*” (FIGUEIRA, 2017, p. 84).

Não padecer de dores no corpo nem de tormentos na alma é um estado anímico de outra ordem, que difere da natureza dinâmica do prazer em movimento (κίνησις). Para Epicuro, a memória de antigos prazeres vividos (ἀνάμνησις) e a perspectiva de prazeres vindouros (φανταστική ἐπιβολή) são experiências na alma que despertam sentimentos análogos aos prazeres presentes. Os cirenaicos creem que o prazer se manifesta no instante efêmero e se opõem à tese epicurista que compreende na possibilidade da relação com o tempo, tanto na lembrança do passado como na projeção do futuro, estímulos reais que provocam dor ou prazer. Essa divergência ocorre por que os prazeres dessa natureza – oriundos da memória e da esperança augura – são estáticos, conforme a concepção de Epicuro. Para Aristipo, o prazer subsiste apenas durante o movimento, um bem fugaz, despertado e exaurido no presente. Apoiado nesse princípio, ele concebe uma ética norteada pela disposição de apreciar os prazeres oportunos concedidos pelo tempo presente (καιρός).<sup>6</sup>

μέσας τε καταστάσεις ὠνόμαζον ἀηδονίαν καὶ ἀπονίαν. πολὺ μέντοι τῶν ψυχικῶν τὰς σωματικὰς ἀμείνους εἶναι, καὶ τὰς ὀχλήσεις χείρους τὰς σωματικὰς. ὅθεν καὶ ταύταις κολάζεσθαι μᾶλλον τοὺς ἀμαρτάνοντας. χαλεπώτερον γὰρ τὸ πονεῖν, οἰκειότερον δὲ τὸ ἡδεσθαι ὑπελάμβανον. ὅθεν καὶ πλείονα οἰκονομίαν περὶ θάτερον ἐποιοῦντο. διὸ καὶ καθ' αὐτὴν αἰρετῆς οὐσῆς τῆς ἡδονῆς τὰ ποιητικὰ ἐνίων ἡδονῶν ὀχληρὰ πολλάκις ἐναντιοῦσθαι: ὡς δυσκολώτατον αὐτοῖς φαίνεσθαι τὸν ἀθροισμὸν τῶν ἡδονῶν εὐδαιμονίαν ποιοῦντων.

Os cirenaicos chamaram a ausência de prazer e a ausência de dor de condições intermediárias; em sua opinião os prazeres somáticos são muito melhores que os psíquicos, e as dores somáticas são muito piores que as dores psíquicas, e essa é a razão de os culpados serem punidos com as primeiras. Presumiam que a dor é mais penosa, e o prazer é mais conforme à natureza, e por isso davam maior atenção ao corpo que à alma. Mais ainda: embora o prazer seja desejável por si mesmo, esses filósofos sustentam que as causas geradoras de certos prazeres são de natureza dolorosa e

<sup>6</sup> Onfray explica qual é o sentido atribuído pelos cirenaicos ao termo *kairós*: “Lo esencial consiste en gozar del instante, pedir al presente lo que puede dar, y nada más. Saber vivir, por decirlo así. Además, ser capaz de disfrutar del instante propicio, el famoso *kairós*, este punto del tiempo, esta densidad en la duración, este momento único y sin esperanza de regreso, en cuyo transcurso es menester captar lo que se debe captar y coger lo que se há de coger, sin lo cual, antes es demasiado pronto y después demasiado tarde. El hedonismo celebra el instante y excluye el pasado o el futuro: el error está en ir a buscar ocasiones de alegría fuera de esta dimensión puntual del tiempo. De la misma manera, sería engañoso ir a buscar ocasiones de placer fuera del lugar en el que se encuentran: basta con contentarse con las que lleguen. Uno aliena su independencia de espíritu y su libertad cuando parte a la caza de algo que tal vez no encuentre. Volver con las manos vacías da lugar a demasiadas ocasiones de frustración para la lógica hedonista, pues el tiempo es absolutamente irrecuperable. Aristipo lamenta que sean tan pocos quienes saben hallar la alegría allí donde se encuentra, esto es, en la adhesión al instante, en la expansión personal limitada al presente, que hay que aprovechar como una oportunidad que no vuelve a presentarse. El pecado pagano consiste en dejar escapar el presente” (ONFRAY, 2007, pp. 121-122).



frequentemente são o contrário do prazer, de tal maneira que o acúmulo de prazeres que não produz felicidade lhes parece muito difícil (DIÓGENES LAÉRCIO, II, 90).

Aristipo confere maior importância à dimensão física do prazer. O pior transtorno não é a perturbação psíquica, mas a dor que acomete o corpo. Para Epicuro é exatamente o inverso. A dor no corpo é incapaz de ultrapassar um limite físico natural. É menos nociva e, por esse motivo, tolerável, enquanto a afecção na alma ocasiona efeitos mais devastadores.

Alguns prazeres escondem o risco sempre existente de que buscá-los envolve um enorme esforço que acaba em transtornos maiores do que os próprios prazeres desejados. Embora a felicidade, na visão cirenaica, resulte do somatório dos prazeres, as dores exercem um impacto negativo nessa relação. Se o filósofo dedica sua vida a tentar realizar prazeres que demandem um alto custo, o resultado da equação será desfavorável. Apesar das controvérsias aqui elencadas, como não interpretar esse valioso princípio filosófico como um prenúncio do cálculo hedonístico de Epicuro?

Historicamente, Epicuro deve ser compreendido como um sucessor do hedonismo cirenaico. Sua obra é resultado da articulação de duas grandes influências: o atomismo de Demócrito como o grande pilar da física (e da canônica) e o hedonismo de Aristipo renovado sob um novo horizonte ético. Ao estudar os filósofos cirenaicos nas suas especificidades, ficará evidente que, além de contradições, existe uma série de indícios que revelam uma acentuada influência do cirenaísmo no pensamento de Epicuro.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Pablo Alonso argumenta que a ressonância das ideias dos pensadores cirenaicos, sobretudo Anicéris, são visíveis nas nuances da filosofia de Epicuro: “Es a partir de los cambios de la escuela de Cirene que podemos decir que Epicuro es heredero de ella. Por lo general, se dice que Epicuro mezcla el hedonismo de Aristipo con el atomismo de Demócrito (Onfray incluido), pero, si nos detenemos en el epicureismo, enseguida nos damos cuenta de que el hedonismo epicúreo podría considerar antagónico al hedonismo de Aristipo. Incluso podríamos llegar a plantearnos que el epicureismo tuviese un vínculo más fuerte con el cinismo que con el pensamiento cirenaico. Pues el cinismo y el epicureismo parece que buscan satisfacer, exclusivamente, los deseos naturales. No obstante, es siguiendo la estela cirenaica de Anicéris que podemos vincular ambas escuelas hedonistas. Según Diógenes Laercio, Anicéris fue el cirenaico que liberó a Platón de la esclavitud, pero otras fuentes sugieren que fue contemporáneo de Alejandro Magno. Dejando de lado esta cuestión biográfica, Anicéris defendió un hedonismo mucho más próximo al que reconocemos a Epicuro. Identificó el soberano bien con el placer, y distinguió entre placeres materiales y espirituales. Recomendaba la búsqueda de los segundos, pues los placeres del cuerpo son efímeros, mientras que los placeres del alma perduran y proporcionan solución a los dolores del cuerpo. Así, promovió los placeres de la amistad o la prudencia que serían de gran importancia en el pensamiento epicúreo” (ALONSO, 2017, p. 251).

## O hedonismo cirenaico

Os filósofos cirenaicos seguidores de Aristipo apresentam inúmeras divergências com relação aos preceitos originais da escola, o que dificulta a construção de um discurso uníssono sobre a doutrina.<sup>8</sup> No entanto, é certo que a essência da filosofia de Aristipo permaneceu de alguma maneira viva nos seus discípulos. O cirenaísmo perseverou na figura de três pensadores, que propagaram tendências discordantes e emancipadas da doutrina inicial de Aristipo.

Hegésias é uma figura excêntrica, um pensador nada convencional. Sua filosofia gerou consequências desastrosas. Relatos históricos indicam que alguns dos seus seguidores foram persuadidos a se suicidarem.<sup>9</sup>

Οἱ δὲ Ἠγησιακοὶ λεγόμενοι σκοποῦς μὲν εἶχον τοὺς αὐτοὺς, ἡδονὴν καὶ πόνον. μήτε δὲ χάριν τι εἶναι μήτε φιλίαν μήτε εὐεργεσίαν, διὰ τὸ μὴ δι' αὐτὰ ταῦτα αἰρεῖσθαι ἡμᾶς αὐτά, ἀλλὰ διὰ τὰς χρείας αὐτάς, ὧν ἀπόντων μὴδ' ἐκεῖνα ὑμάρχειν. τὴν εὐδαιμονίαν ὅλως ἀδύνατον εἶναι: τὸ μὲν γὰρ σῶμα πολλῶν ἀναπεπλησθαι παθημάτων, τὴν δὲ ψυχὴν συμπαθεῖν τῷ σώματι καὶ ταραττεσθαι, τὴν δὲ τύχην πολλὰ τῶν κατ' ἐλπίδα κωλύειν, ὥστε διὰ ταῦτα ἀνύπαρκτον τὴν εὐδαιμονίαν εἶναι.

Os chamados seguidores de Hegesias adotam os mesmos fins, isto é, o prazer e a dor; não existe gratidão, nem amizade, nem beneficência, porquanto não escolhemos esses sentimentos por si mesmos, e sim por motivos interesseiros; quando estes não existem, também não se encontram aqueles. A felicidade é totalmente impossível, pois o corpo é afetado por muitos sofrimentos, e a alma padece juntamente com o corpo e se perturba com ele, e a sorte impede a concretização de muitas esperanças; consequentemente a felicidade é inatingível (DIÓGENES LAÉRCIO, II, 93-94).

Hegésias contraria a crença de Aristipo de que os laços fraternos constituem uma fonte legítima de prazer, livre de fatores extrínsecos à própria relação. Todas as relações humanas são movidas pelo interesse individual, sem o qual o prazer se esvai, de modo que a própria amizade só possui sentido dentro da lógica da vantagem para ambos.<sup>10</sup> Independente da sorte ou da virtude, na vida predomina o sofrimento.

<sup>8</sup> Muito diferente do epicurismo que se manteve íntegro ao longo da história, como uma corrente filosófica fiel às ideias de Epicuro.

<sup>9</sup> Cícero narra, nas *Tusculanas*, os efeitos trágicos provocados pelos ensinamentos de Hegésias, o persuasor da morte: "Si tratamos de la verdad, la muerte nos aleja del mal, no del bien. Este tema es discutido ampliamente por Hegesias el cirenaico, al que se disse que el rey Ptolomeo le prohibió hablar en las escuelas, porque muchos de su audiencia se daban muerte a sí mismos" (CICERÓN. *Cuestiones tusculanas*, I. 34. 83 apud MARSICO, 2013, p 427).

<sup>10</sup> O prazer na amizade exerce um papel relevante no Jardim de Epicuro, apreciada como uma relação livre e abstraída de quaisquer interesses.

Manifesta uma desilusão em relação ao prazer, por ser uma experiência breve, esporádica e sempre relativa à conveniência do momento.

Na linha de Aristipo, Hegésias também pensa que a felicidade é gozada em uma vida repleta de prazeres. Contudo, a sua filosofia culmina em um pessimismo em relação à existência humana, ao concluir que uma vida plena de prazer é infactível. Ele acredita que a morte deve ser almejada por ser o único meio de se livrar dos sofrimentos inesgotáveis que se perpetuam durante a vida. A felicidade é um bem inalcançável, a vida é desprezível em si mesma e qualquer esforço para reverter tal condição será fracassado. Hegésias, então, instaura uma grave crise que afunda o cirenaísmo em um profundo niilismo.

Anicéris resgata as raízes do hedonismo de Aristipo e rompe com o pessimismo entorpecedor de Hegésias.

Οἱ δ' Ἀνικέριοι τὰ μὲν ἄλλα κατὰ ταῦτα τοῦτοις: ἀπέλιπον δὲ καὶ φιλίαν ἐν βίῳ καὶ χάριν καὶ πρὸς γονέας τιμὴν καὶ ὑπὲρ πατρίδος τι πράξειν. ὅθεν διὰ ταῦτα, κἂν ὀχλήσεις ἀναδέξῃται ὁ σοφός, οὐδὲν ἤτιον εὐδαιμονήσειν, κἂν ὀλίγα ἢ δὲ ἀ περιγένηται αὐτῷ. [...] τὸν τε φίλον μὴ διὰ τὰς χρείας μόνον ἀποδέχεσθαι, ὡν ὑπολειπουσῶν μὴ ἐπιστρέφεσθαι ἀλλὰ καὶ παρὰ τὴν γεγонуίαν εὔνοϊαν, ἧς ἔνεκα καὶ πόνους ὑπομενεῖν.

Os seguidores de Anicéris concordavam no resto com estes, porém admitiam a existência da amizade, da gratidão e do respeito aos pais na vida real, e que às vezes é necessário agir por amor à pátria. Por isso, se sofrer constrangimento, o sábio não será menos feliz, ainda que lhe restem poucos prazeres. [...] Não devemos ser amigos pensando somente na utilidade (se ficarmos frustrados a esse respeito, teremos de afastar-nos), e sim por um sentimento de benevolência que nos dê disposição para afrontar até dificuldades. Com efeito, embora tendo como finalidade o prazer e sentindo aflição se nos vemos privados dele, devemos, apesar disso, suportar essa privação por amor do amigo (DIÓGENES LAÉRCIO, II, 96-97).

Diante do estrago causado pelo implacável niilismo de Hegésias, Anicéris precisou superar as suas ideias, que persistiam como um embaraço para o hedonismo cirenaico. Anicéris recuperou a moderação de Aristipo e deu uma feição mais atraente ao cirenaísmo. Pensa que a vida boa e justa é aquela vivida com simplicidade, pois a felicidade acompanha os pequenos prazeres. Valoriza a relação do cidadão com a cidade e considera o sacrifício em nome da pátria um feito louvável em si mesmo. Retoma a discussão em torno da amizade, antes menosprezada por Hegésias. O prazer da amizade possui um alto valor e se situa na ordem dos maiores bens proporcionados pela vida. Para Anicéris, a amizade é um bem concreto, cuja

importância não depende dos favores angariados. Portanto, é sadio se dedicar a uma amizade, apesar dos desgostos e dos inevitáveis contratempos. Anicéris acredita em uma espécie de hedonismo modesto, marcado pela prudência e pela sobriedade. Todavia, assim como os demais cirenaicos, é alheio ao prazer estático dos epicuristas, por presumir que o prazer nasce da ação realizada e existe somente enquanto estiver em movimento.<sup>11</sup>

Teodoro, o último grande expoente do cirenaísmo, retoma alguns dos princípios estabelecidos por Hegésias e rompe com os ensinamentos de Anicéris. A sua filosofia não tem em si um poder tão assombroso, perto da cruza de Hegésias, mas ressurge a crise latente que atordoava o cirenaísmo.

ἦν δ' ὁ Θεόδωρος παντάπασιν ἀναιρῶν τὰς περὶ θεῶν δόξας: καὶ αὐτοῦ περιετύχομεν βιβλίῳ ἐπιγεγραμμένῳ Περὶ θεῶν, οὐκ εὐκαταφρονήτῳ: ἐξ οὗ φασιν Ἐπίκουρον λαβόντα τὰ πλεῖστα εἰπεῖν. [...] τέλος δ' ὑπελάμβανε χαρὰν καὶ λύπην: τὴν μὲν ἐπὶ φρονήσει, τὴν δ' ἐπὶ ἀφροσύνῃ: ἀγαθὰ δὲ φρόνησιν καὶ δικαιοσύνην, κακὰ δὲ τὰς ἐναντίας ἕξεις, μέσα δὲ ἡδονὴν καὶ πόνον. ἀνήρει δὲ καὶ φιλίαν, διὰ τὸ μὴτ' ἐν ἀφροσιν αὐτὴν εἶναι, μὴτ' ἐν σοφοῖς. τοῖς μὲν γὰρ τῆς χρείας ἀναιρεθείσης καὶ τὴν φιλίαν ἐκποδῶν εἶναι: τοὺς δὲ σοφοὺς αὐτάρκεις ὑπάρχοντας μὴ δεῖσθαι φίλων. ἔλεγε δὲ καὶ εὐλογον εἶναι τὸν σπουδαῖον ὑπὲρ τῆς πατρίδος μὴ ἐξαγαγεῖν αὐτόν: οὐ γὰρ ἀποβαλεῖν τὴν φρόνησιν ἕνεκα τῆς τῶν ἀφρόνων ὠφελείας.

Teodoros eliminou radicalmente a crença generalizada nos deuses, e tivemos oportunidade de ler um livro seu, *Dos Deuses*, que não deve ser desprezado. Consta que Epicuro tirou desse livro a maior parte do que disse. [...] Ele considerava a alegria e a tristeza o bem e o mal supremos: um deriva da sabedoria, e a outra da estultícia; a prudência e a justiça são bens, e seus contrários são males, ficando o prazer e a dor numa posição intermediária entre o bem e o mal. Teodoros rejeitava a amizade porque ela não existe nem entre os estultos nem entre os sábios; no caso dos primeiros, eliminada a necessidade a amizade desaparece, e os sábios são autossuficientes e não têm necessidade de amigos. Em sua opinião também é razoável que o homem bom não arrisque a vida em defesa de sua pátria, pois ele jamais deve renegar sua sabedoria para beneficiar os estultos (DIÓGENES LAÉRCIO, II, 97-98).

Teodoro é reconhecido pela tradição filosófica como o Ateu, por professar a descrença nos deuses e propor um modo de vida alheio às religiões. Sua filosofia

<sup>11</sup> Clemente de Alexandria compara as concepções acerca do prazer em Anicéris e em Epicuro: “Los llamados anicerianos, de la sucesión de los cirenaicos, no postulaban ningún fin determinado de la vida entera, sino que existía un fin específico de cada acción: el placer que surge de la acción. Estos cirenaicos rechazan la definición de placer de Epicuro, es decir la remoción del dolor, llamándola condición del muerto, porque gozamos no sólo con los placeres, sino también con las compañías y los reconocimientos, mientras que Epicuro piensa que toda alegría del alma surge de afecciones previas de la carne” (Clemente de Alexandria. *Miscelâneas*, II, 21, 130, 7-8 apud Claudia Marsico, 2013, p. 429).

conserva o ingrediente central do cirenaísmo de Aristipo, a dicotomia que associa o prazer ao bem e a dor ao mal. No que concerne à amizade e à dedicação à pátria, Teodoro rompe com Anicéris e se aproxima de Hegésias. Entre ignorantes a amizade não passa de uma relação promíscua de interesses. Entre sábios é insignificante, por serem autossuficientes e bastarem a si mesmos. O sacrifício pela pátria é uma insensatez, de acordo com a mentalidade cosmopolita de Teodoro. O filósofo não deve desperdiçar a sua virtude em prol de estultos designados por propósitos espúrios.

Epicuro apresenta soluções para alguns dos problemas apontados por Hegésias e cria alternativas efetivas para superá-los. A introdução da noção de prazer estático parece uma tentativa de suplantar a dicotomia fundamental entre dor e prazer, para, dessa forma, ultrapassar os eventos mundanos sujeitos a essa contraposição. Epicuro parece se inspirar no enaltecimento da amizade manifesto por Anicéris, o que é deduzido pelos valores pregados no Jardim, onde a amizade é exaltada como um sentimento sincero, livre de pretextos interesseiros e da busca por favorecimento. O ateísmo de Teodoro se afigura como uma fonte de inspiração para o primeiro princípio do τετραφάρμακον.<sup>12</sup> Epicuro se apropria do ateísmo de Teodoro, mas não sustenta uma descrença generalizada nos deuses. Apenas reconhece o abismo que há entre os homens e o mundo divino, para, enfim, libertar a mente das superstições religiosas.

### Considerações Finais

Ao pensar em uma ética orientada pelo prazer, os cirenaicos encontram uma série de adversidades. Esbarram em um impasse que obscurece a perspectiva de que a felicidade provém do somatório dos prazeres desfrutados durante a vida. Epicuro aparece nesse contexto como o filósofo que reformula o hedonismo cirenaico e desenvolve uma ética mais apurada. Afinal, o epicurismo foi acolhido pela tradição

<sup>12</sup> Epifânio discorre sobre o ateísmo radical do cirenaico Teodoro: “Teodoro, llamado el Ateo, dijo que los tratados sobre la divinidad eran una tontería, porque creía que no existe lo divino y a causa de eso impulsaba a todos a robar, saquear, arrebatar y no morir por la pátria, ya que decía que la única pátria es el universo y decía que el único bueno es el feliz, y que es evitable el desgraciado, aunque sea sábio, y preferible el insensato y odioso, si es rico” (Epifanio, *Contra las herejías*, III, 2, 9 apud Claudia Marsico, 2013, p. 445).

ocidental como o arauto do hedonismo, a única seita com força assaz para rivalizar com as ilustres filosofias do passado.

## Referências

ALONSO, Pablo. **Una revisión del pensamiento cirenaico: rasgos generales del hedonismo antiguo.** Anales del Seminario de Historia de la Filosofía. Madrid, v. 34, n. 1, p. 247-254, 2017.

DIÓGENES LAËRTIOS. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.** Tradução de Mário da Gama Kury. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

DIOGENES LAERTIUS. **Lives of eminent philosophers.** Translation by Robert Hicks. London: The Loeb Classical Library, 1925.

DIOGENES LAERTIUS. **Lives of eminent philosophers.** Edition by Tiziano Dorandi. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

EPICURO. **Máximas principais.** Tradução de João Quartim de Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FIGUEIRA, Markus. O hedonismo na obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* de Diógenes Laércio: os cirenaicos e Epicuro. **Revista Phoênix.** Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 80-93, 2017.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga.** Tradução de Flavio Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

MARSICO, Claudia. **Los filósofos socráticos, testimonios y fragmentos I.** Megáricos y cirenaicos. Buenos Aires: Losada, 2013.

ONFRAY, Michel. **Las sabidurías de la antigüedad: contrahistoria de la filosofía I.** Barcelona: Editorial Anagrama, 2007.

Recebido em: 08/03/2022.

Aprovado em: 13/06/2022.

Received: 08/03/2022.

Approved: 13/06/2022.